

## **TERRITÓRIOS DA DEGRADAÇÃO DO TRABALHO:**

A saúde do trabalhador em frigorífico de aves e suínos em Toledo Oeste do Paraná

## **TERRITORY OF DEGRADATION OF WORK:**

a health worker in meatpacking poultry and pork in Toledo West of Paraná

**Fernando Mendonça Heck**

Doutorando em Geografia FCT/UNESP/Presidente Prudente

Centro de Estudos de Geografia do Trabalho (CEGeT)

[fernandomheck@gmail.com](mailto:fernandomheck@gmail.com)

### **RESUMO**

O objetivo desse artigo é apontar como o trabalho em frigoríficos é degradante, pois as condições de trabalho impostas no território fabril têm impactos nefastos para a saúde dos trabalhadores. Para alcançar o objetivo, nos amparamos na bibliografia sobre o trabalho em frigoríficos, bem como de casos concretos de adoecimento no setor, como as informações obtidas junto ao Ministério Público do Trabalho (MPT). Valemos-nos também de entrevistas junto aos trabalhadores e ex-trabalhadores da Sadia, em Toledo (PR), objeto da nossa investigação no Mestrado, com as atenções voltadas para os impactos nas condições de trabalho, de vida e de saúde. Os resultados da pesquisa com essas fontes têm evidenciado que há inúmeros casos de adoecimento dos trabalhadores o que demarca os frigoríficos como territórios da degradação do trabalho.

**Palavras-chave:** Território, Degradação do Trabalho, Condições de Trabalho.

### **ABSTRACT**

The aim of this paper is to pinpoint how degrading is the labour in meatpacking, because the work conditions imposed within territory manufacturing have adverse impacts on the health of workers. For this, we're supported in bibliography on the job in meatpacking, as well as specific cases of illness in the sector, as the information obtained from the Public Ministry of Labor (MPT). We also apply interviews with workers and ex workers of Sadia in Toledo (PR), object of our investigation in the Master, with attention focused on the impacts on working conditions, health and life. Research results on these sources have evidenced that there are numerous cases of illness among the workers that demarcates the meatpacking plant as territories of degradation of work.

**Keywords:** Territory, Degradation of Work, Working Conditions.

---

Esse artigo é parte dos resultados da nossa dissertação de mestrado que foi orientada pelo professor Antonio Thomaz Junior. É importante ressaltar que no âmbito do Centro de Estudos de Geografia do Trabalho (CEGeT) estamos avançando nas reflexões sobre saúde do trabalhador, com envolvimento de outros projetos de pesquisa no âmbito do Grupo de Pesquisa que estão abordando essa temática. Ressaltamos também, a valiosa contribuição dos colegas da área da saúde ambiental e saúde do trabalhador, como as professoras Raquel Rigotto (UFC), e Edvânia Ângela de Souza Lourenço (UNESP-Franca). Esse artigo foi publicado primeiramente no IV Congresso Internacional de Geografia da Saúde realizado em Presidente Prudente de 19 a 22 de novembro de 2012, sendo que o texto foi revisado e ampliado.

Recebido em: 07/12/2012

Aceito para publicação em: 24/04/2013

## INTRODUÇÃO

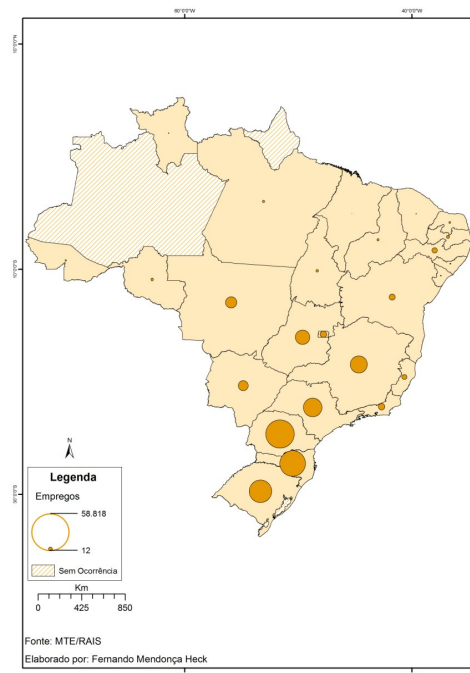
O Brasil, em 2011 continua sendo o maior exportador de carne de frango do mundo, mesmo destinando apenas 30,2% de toda produção às exportações (UBABEF, 2011). Ocupa também a terceira posição entre os maiores produtores de carne de frango do mundo, perdendo apenas para Estados Unidos e China. Este desempenho garante ao setor de atividade liderança e importância econômica interna e externa (USDA, 2011<sup>3</sup>).

A produção brasileira de frangos teve um crescimento de 118% no período de 2000-2011, e a exportação no mesmo período cresceu 330%. Já em 2011 o Brasil produziu 13,058 milhões de toneladas de carne de frango, sendo que destas exportou 3,942 milhões, o que repercutiu numa receita cambial de U\$8,253 milhões. As exportações de frango alcançam mais de 150 países do mundo, tendo como principal importador os países do Oriente Médio, com 35,8%; seguido da Ásia, 28,9%; África, 12,6%; União Europeia, 12,3%; e Américas, com 7,3% (UBABEF, 2011).

A carne suína brasileira também ocupa lugar de destaque na produção e exportação, pois o Brasil é o 4º colocado na produção em nível mundial, e o 4º em exportação (USDA, 2011). Somente no período que compreende abril de 2011 e março de 2012 as exportações de carne suína geraram U\$1,438 milhões (ABIEPCS, 2011). Alcançou-se cerca de 130 países no mundo e os principais destinos em toneladas exportadas no ano de 2011 foram: Hong Kong 25,1%, Rússia 24,4%, Ucrânia 11,9%, Argentina 8,1%, Angola 7,3% etc. (ABIEPCS, 2011).

O Brasil está, então, entre os quatro principais países do mundo na produção e exportação de carnes de suínos e frangos. Para atender essa demanda existe a geração de empregos no Brasil, estimado em 500 mil para abate de frangos e suínos, com o Sul do Brasil ocupando cerca de 60% dos postos de trabalho (Mapa 1). Os dados também se confirmam quanto aos abates destes animais, pois 62% dos frangos abatidos (UBABEF, 2011) e 65% dos suínos (IBGE, 2011), se concentraram em 2011 nos frigoríficos localizados no sul do país.

Mapa 1 – Emprego em Abate de Frangos e Suínos no Brasil por Unidade da Federação (2010)

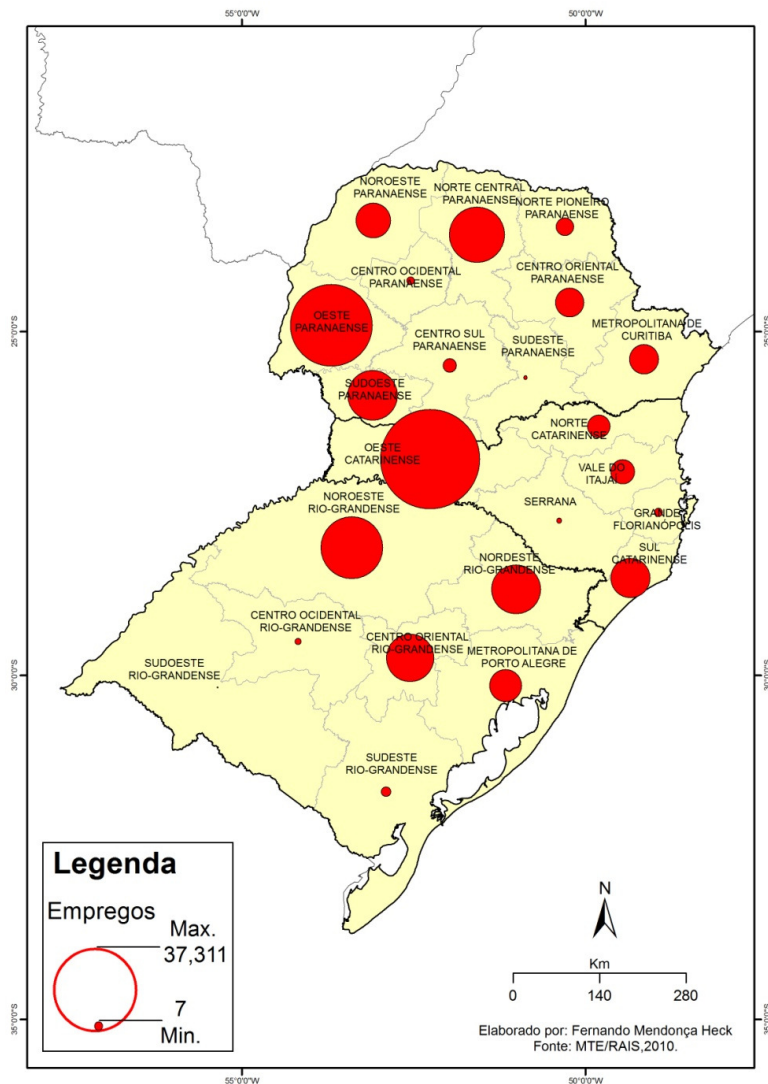


Fonte: MTE/RAIS, 2010. Elaboração: Fernando Mendonça Heck.

<sup>3</sup> Os dados do United States Department of Agriculture (USDA) foram obtidos através da base de dados da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) intitulada Central de Informações de Aves e Suínos (CIAS) (EMBRAPA, online).

Se ampliarmos a análise dos dados para a escala das Mesorregiões Geográficas definidas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), para o sul do Brasil, as informações demonstram que há uma maior concentração no Oeste de Santa Catarina e no Oeste Paranaense, onde se localizam 43,6% de todo o emprego em frigoríficos sulistas (Mapa 2).

Mapa 2 – Emprego Abate de Frangos e Suínos por Mesorregião do Sul do Brasil (2010)



Fonte: MTE/RAIS, 2010. Elaboração: Fernando Mendonça Heck.

O destaque para essas duas Mesorregiões, nos chama a atenção para investigar sob quais condições de trabalho está se alcançando às exportações e a lucratividade do setor. Por isso, selecionamos o estudo da Sadia<sup>4</sup> localizada no município de Toledo (PR) no Oeste Paranaense, para entender até que ponto a lucratividade de tal indústria tem se configurado numa tragédia social para os trabalhadores (BOSI, 2012).

<sup>4</sup> Empresa que compõe atualmente a Brasil Foods um dos maiores conglomerados do setor alimentício do mundo. A opção por utilizar do nome Sadia, se deu pela forma como é conhecida na região e pelos próprios trabalhadores.

Portanto uma tarefa necessária a ser cumprida nesse artigo é relativizar essas informações quantitativas do setor, ou seja, problematizar a geração significativa de emprego enquanto sinônimo de desenvolvimento e progresso. Isso porque quando o foco está nas condições de trabalho às evidências aponta para a imposição de um ambiente de trabalho hostil nas linhas de produção, território onde há metas a serem alcançadas pelos trabalhadores que muitas vezes não respeita os limites biomecânicos do corpo humano, podendo se traduzir em doenças relacionadas ao trabalho. Essa empreitada é o que motivou nossa pesquisa e será apresentada no decorrer dos tópicos do artigo.

Exemplos das doenças que afetam os trabalhadores de frigoríficos se encontram nas estatísticas divulgadas (mesmo subnotificadas), pela Federação dos Trabalhadores nas Indústrias de Alimentação do Estado do Paraná (FTIA-PR), onde há estimativa de que 23% da mão de obra brasileira do setor esteja afastada ou no aguardo de decisão judicial, em virtude das doenças ocupacionais (FTIA-PR, 2011, p.1).

Ou ainda, conforme afirma a Procuradoria Regional do Trabalho do Paraná (PRT-12ª região), “dos 750 mil<sup>5</sup> funcionários nas empresas frigoríficas do Brasil, cerca de 150 mil sofrem algum distúrbio osteomuscular, como lesões por esforço repetitivo (LER), e já recorreram ao auxílio-doença” (QUEIROZ, 2012).

Esses dados certamente já são primeiros indícios de problematização da geração de emprego associada ao desenvolvimento, pois alertam para a quantidade crescente de trabalhadores de frigoríficos que hoje estão afastados por algum distúrbio osteomuscular.

Mas é preciso avançar ainda mais, focando também nas narrativas dos trabalhadores a respeito dos seus adoecimentos e do trabalho desempenhado. Ou seja, para entender esses indicadores de maneira ainda mais qualificada é preciso conhecer a realidade social do trabalho nos frigoríficos. Daí o importante papel das pesquisas empíricas, amparadas em metodologias e dinâmica qualitativas, capazes de apurar o movimento e a situação do trabalho expondo também o ponto de vista dos sujeitos, metodologia que o campo saúde do trabalhador também tem privilegiado.

Desse modo, priorizamos na pesquisa a metodologia da história oral<sup>6</sup> para conhecer as narrativas e experiências dos trabalhadores com relação ao trabalho realizado na Sadia. Ou seja, procuramos dar voz aos trabalhadores com o intuito de entender como eles narram a partir das suas perspectivas as doenças que hoje os assolam. A segunda parte do artigo expressará as narrativas dos trabalhadores, dando voz aos sujeitos que vivenciaram o trabalho em território fabril.

Assim, na primeira parte do artigo apresentaremos os referenciais teóricos da pesquisa, bem como exemplos das condições de trabalho que levam ao adoecimento em frigoríficos brasileiros e também em escala internacional. Na segunda parte, o debate perpassa aos resultados empíricos de nossa pesquisa de Mestrado quando investigamos as condições de trabalho na Sadia em Toledo (PR) e seus rebatimentos para a saúde dos trabalhadores. Nessa parte do artigo a discussão se dará principalmente através da forma como os sujeitos narram às experiências de degradação do trabalho que afetaram a sua saúde e vida.

## **DIANTE DA GEOGRAFIA DA DEGRADAÇÃO DO TRABALHO: O CASO DOS FRIGORÍFICOS**

O referencial teórico seguido por nós se aproxima dos autores que entendem ser preciso compreender o mundo do trabalho sob o signo do sistema metabólico do capital para apreender as doenças/acidentes de trabalho.

Por isso, nossa presunção é entender os acidentes e doenças menos relacionados a fatores unívocos<sup>7</sup> e mais com o processo social (determinação social das doenças), marcado pela imposição da exploração, subalternidade, violência, descumprimento do código de leis e truculência do capital (LOURENÇO, 2009; THOMAZ JUNIOR, 2011).

<sup>5</sup> Esse dado corresponde à totalidade dos trabalhadores em frigoríficos de aves/suínos/bovinos. Deste número, estima-se que 500 mil estejam vinculados ao abate de aves e suínos objetos da nossa pesquisa.

<sup>6</sup> Cf. THOMPSON, 1992.

<sup>7</sup> Isso porque partimos do entendimento de que o processo saúde-doença se relaciona a múltiplos fatores relacionados ao contexto social (determinação social da doença).

Sob a regência do metabolismo social do capital as marcas da degradação do trabalho<sup>8</sup> não se resumem ao setor frigorífico. Elas ocorrem em diferentes territórios<sup>9</sup>, pois seja em qual setor de atividade for o trabalho é precarizado (ANTUNES, 2009). Portanto, identificar as marcas territoriais do trabalho, tarefa que assumimos na geografia do trabalho (THOMAZ JUNIOR, 2011), pressupõe entender o território na sua multiescalaridade-multidimensionalidade.

Dessa maneira, a degradação do trabalho relacionada ao adoecimento físico e mental dos trabalhadores em território fabril dos frigoríficos não é caso isolado, pois, nos *call centers*, por exemplo, sete em cada dez trabalhadores sofre de depressão ou síndrome do pânico (VENCO, 2008). Nas madeiras do Mato Grosso, resultados de pesquisa com 4.381 trabalhadores do setor apontaram que 11% estavam mutilados, 28% com deformidades na coluna vertebral e 25% apresentavam sequelas de acidentes de trabalho (PIGNATI e MACHADO, 2005). Nos canaviais paulistas em apenas um ano foram treze mortes como a de José Mário Alves Gomes de 47 anos trabalhador da Cosan que após cortar 25 toneladas de cana teve enfarte (SILVA, 2006). Nos frigoríficos a chance de desenvolver tendinite na desossa de perna de frango é 743% superior a outros setores da economia conforme o Ministério da Previdência Social (MPS).

Tais informações, preocupantes, são apontamentos de que o trabalho sob o signo do capital é marcado pela exploração, precarização e degradação do corpo do homem que trabalha. É como diz Giovanni Alves: "(...) cada vez mais, sob a dinâmica do capitalismo global, torna-se incompatível o modo de produção capitalista e a saúde do trabalhador" (ALVES, 2010 p. 351).

Por isso, os acidentes/doenças do trabalho estão mais relacionados à imposição de um modelo de sociedade emergido historicamente, do que com "atos inseguros". Aliás, esta abordagem pode levar a compreensões individualizadas sobre a saúde dos trabalhadores. Tais teorias revelam entendimentos de que os acidentes e doenças do trabalho se relacionam às questões individuais, visão que pode "culpabilizar" os trabalhadores, como se a segurança no trabalho dependesse exclusivamente da atenção e do cuidado individual (ALMEIDA, 2011). Essa é a abordagem tradicional da Medicina do Trabalho (MT) e da Saúde Ocupacional (SO), campos do conhecimento que se pautam numa perspectiva "(...) eminentemente biológica e individual, no espaço restrito da fábrica, numa relação unívoca e unicausal (...)" (MINAYO-GOMEZ e THEDIM-COSTA, 1997, p.22).

Lacaz (1996, p.411) já asseverava a determinação social das doenças sendo necessário ir além da abordagem da MT e SO, pois "a saúde por referência ao trabalho deriva de seus componentes econômicos, sociais, tecnológicos, organizacionais e ambientais (...)". Ou seja, do caráter histórico do trabalho e das relações que se estabelecem entre capital-trabalho em cada sociedade concreta. Portanto, não basta abordar individualmente os agravos à saúde dos trabalhadores, pois se corre o perigo de naturalizá-los, "(...) aliando a **fatalidade da propensão** individual aos acidentes, com a do trabalho como algo inevitavelmente nocivo a saúde." (LACAZ, 1996, p.16, **grifos** do autor).

Sendo assim, a perspectiva do campo saúde do trabalhador nos parece ser muito mais proveitosa para a fundamentação teórica pretendida, pois parte-se da determinação social da doença (contexto social), para entender os agravos à saúde e não de uma visão unívoca.

---

<sup>8</sup> O sentido que conferimos a esse conceito nasce de alguma forma com a perda da dimensão ontológica do trabalho produtor de "coisas" úteis para a imposição hierárquica do trabalho sob o domínio de *outrem*. Ou seja, o trabalho degradante nasce com a imposição de um metabolismo social em que os sujeitos estão alheios aos meios de produção e controle do seu trabalho e que no limite pode levar aos impactos na saúde dos trabalhadores. Assumir a degradação do trabalho relacionada aos impactos na saúde dos trabalhadores trata-se de uma opção do autor e de maneira alguma se relaciona a qualquer forma de imposição conceitual. Ou seja, não queremos com isso demarcar que todos os pesquisadores que quiserem trabalhar o conceito de degradação do trabalho devem relacioná-lo aos impactos na saúde dos trabalhadores. Portanto o objetivo não é, jamais, encerrar o debate, mas sim contribuir com aqueles que têm pensado a degradação do trabalho.

<sup>9</sup> O que pressupõe entender o território a partir da sua multidimensionalidade-multiescalaridade, para além da sua formatação dentro dos limites territoriais do Estado-Nação (HAESBAERT, 2005), pois, do ponto de vista da apropriação do espaço através das relações de poder (RAFFESTIN, 1993), não podemos compreender enquanto território apenas os limites estatais, já que as relações de poder não se limitam somente à escala do Estado-Nação.

A partir destes referenciais, estamos pressupondo que o metabolismo social do capital e suas mediações de segunda ordem fetichizadas (MÉSZÁROS 2009; 2002) emergidas historicamente, são fundamentais para compreender a degradação do trabalho que impacta na saúde e vida dos trabalhadores em suas múltiplas inserções laborais. Tais mediações invertem os princípios ontológicos do trabalho (produção de valores de uso, mediações de primeira ordem), aos fins reificados da reprodução do capital (produção de valores de troca). Pode-se falar numa inversão da lógica societal como bem resumiu Antunes (2009, p.19):

A inversão da lógica societal, ao se efetivar, consolidou então, as mediações de segunda ordem, que passaram a se constituir como elemento fundante do sistema de metabolismo social do capital. Desprovido de uma orientação humanamente significativa, o capital assume, em seu processo, uma lógica em que o valor de uso das coisas foi totalmente subordinado ao seu valor de troca. O sistema de mediações de segunda ordem passou a se sobrepor e a conduzir as mediações de primeira ordem. A lógica societal se inverte e se transfigura, forjando um novo metabolismo societal estruturado pelo capital.

Portanto o metabolismo societal que se estruturou pelo capital reduziu o trabalho à mera mercadoria vendável (MARX, 2004). E essa condição do trabalho diminuído à mercadoria também deve ser compreendida para enxergar os adoecimentos dos trabalhadores na contemporaneidade.

Deste modo, concordamos com Franco, Druck e Seligmann-Silva (2010) quando afirmam as autoras que o capitalismo é um padrão civilizatório incapaz de incorporar os limites humanos (saúde física e mental) e da natureza, uma sociedade que alimenta forças destrutivas da vida e não o contrário, por sua perspectiva de dominação, controle e apropriação.

Assim entendemos que o adoecimento no trabalho em inúmeros territórios desde os *call centers* ao território fabril dos frigoríficos são consequências do modelo societal imposto. Logo não são meros fatos “acidentais” frutos de “atos inseguros” dos trabalhadores, pois estes fatos empíricos são marcas do ambiente de trabalho voltado para a realização do capital.

Por isso, é possível afirmar que as condições de trabalho estabelecidas têm impactos significativos sobre a saúde dos trabalhadores. E por esse foco podemos apreender os territórios fabris (como os frigoríficos), enquanto territórios da degradação do trabalho. Esse é o conceito principal da nossa abordagem, pois o território enquanto apropriação do espaço para a realização da mais-valia impõe relações de poder que sujeitam os trabalhadores a degradantes condições de trabalho que podem impactar na sua saúde. Portanto, é dessa compreensão que partimos para abordar, através da leitura geográfica os adoecimentos relacionados ao trabalho em frigoríficos.

As atividades laborais em frigoríficos no Brasil e no mundo tem se pautado em condições de trabalho que cobram destreza e rapidez para realizar os cortes dos animais nas linhas de produção. A grande quantidade de movimentos repetitivos realizados pelos trabalhadores tem resultado em inúmeras Lesões Por Esforço Repetitivo (LER), que também são conhecidas como Doenças Osteomusculares Relacionadas ao Trabalho (DORT), as LER/DORT. Também tem crescido o número de casos com relação aos transtornos mentais que perfazem alto percentual de afastamentos de trabalhadores desse setor conforme atestam várias publicações do MPT<sup>10</sup>.

A investigação através dos dados disponibilizados pelo MPT, principalmente pelas Ações Cíveis Públicas (ACP) ajuizadas contra frigoríficos no Brasil, são fontes importantes para entender as condições de trabalho e seus rebatimentos na saúde dos trabalhadores. Sua análise, bem como das contribuições de relatórios, artigos e pesquisas sobre o trabalho em frigoríficos na escala internacional, nos mostram o cenário bárbaro enfrentado pelos trabalhadores desse setor.

Das contribuições da bibliografia internacional é possível desvendar que o emprego em frigoríficos têm resultado em degradantes condições de trabalho. Muito embora seja preciso admitir que existam algumas peculiaridades como o trabalho dos imigrantes ilegais latino-americanos no caso dos Estados Unidos (JACOBS et.al. 2011).

<sup>10</sup> Conferir especificamente sobre os transtornos mentais o “Informativo PRT9”, Ano XII, número 29 de julho de 2011, que traz notícia intitulada: “Frigoríficos registram alto índice de trabalhadores em depressão”.

Cintas (2011) analisando o relatório da Human Rights Watch (HRW) intitulado *Blood, Sweat and Fear: worker's rights in the U.S. meat and poultry plants*<sup>11</sup>, publicou um artigo sob o título "Trabajadores en el matadero: la seguridad y salud en la industria cárnica y avícola norteamericana una asignatura pendiente". No texto realçou alguns dados com base em estatísticas da Occupational Health and Safety Administration (OSHA) para o ano 2000, em que "más del 14% de los trabajadores en mataderos avícolas habían sufrido heridas en su trabajo, doblando el promedio de todas las industrias privadas" (CINTAS, 2011, p.2). E também ressaltou que "los trabajadores avícolas tienen también 14 veces más posibilidades de sufrir afecciones invalidantes provocadas por traumas repetitivos (...)" (CINTAS, 2011, p.2).

A organização não-governamental GRAIN, em sua reportagem publicada em 2010 corrobora com o relatório da HRW, pois também entende que o trabalho intenso e repetitivo é algo existente nos frigoríficos avícolas estadunidenses:

Hoy, el obrero promedio en las plantas avícolas estadounidenses repite los mismos movimientos de 10 mil a 30 mil veces por turno, y la industria de la carne se volvió el sitio más peligroso para trabajar en Estados Unidos (GRAIN, 2010, p.28).

Estes trabalhadores que vivenciam tais condições são em sua maioria imigrantes, especialmente latinos, em condições jurídicas ilegais no país. Por conseguinte, são ainda mais fragilizados e expostos a violações dos seus direitos, ameaças, coação e exploração do trabalho.

Inclusive segundo GRAIN (2010, p.28) essa foi uma estratégia das empresas norte-americanas, pois os trabalhadores estadunidenses estavam organizando sindicatos combativos que, "(...) forzaron a las compañías a otorgar condiciones decentes de trabajo e salario". Mas, para frear a mobilização, dos trabalhadores, as empresas começaram a apostar no trabalho dos imigrantes.

Todavía, mesmo que seja em tese mais fácil desrespeitar tais direitos, Gabriel (2006) argumenta que a condição de ser imigrante latino-americano não implica necessariamente que estes aceitem passivamente as condições de trabalho impostas somente pelo fato de estarem na situação de ilegais. A autora participou de uma greve que envolveu cerca de 4.000 trabalhadores imigrantes latinos<sup>12</sup> em South Omaha's nos Estados Unidos no ano de 2000, o que mostrou que estes também estão se organizando para enfrentar o penoso trabalho em frigoríficos mesmo nessas condições adversas.

Porém, em que pese essa diferença entre o emprego de imigrantes nos EUA para com a realidade brasileira, a observação das condições de trabalho não assume diferenças gigantescas. O relatório da HRW comprova que os trabalhadores americanos também perfazem jornadas extenuantes, como de dez a doze horas diárias<sup>13</sup>. Com base no depoimento de especialista que trabalha numa clínica de Northwest (Arkansas), prestadora de serviços aos trabalhadores de frigoríficos avícolas percebe-se que:

Según el mismo, existen "problemas relacionados con la estricta imposición de horas extras de trabajo en las plantas. Los pacientes me explican que tienen que trabajar de diez a doce horas diarias, seis días a la semana. Detecto muchos problemas psicológicos además de las lesiones físicas. Este implacable sobreesfuerzo es causa de fatiga y depresión en muchos de los pacientes" (CINTAS, 2011, p.3).

Estes mesmos problemas são compartilhados em outros estudos realizados na França e na Itália, apontando que as condições de trabalho tem resultado, principalmente, em doenças osteomusculares.

Na França, as lesões por esforços repetitivos representaram 80% das doenças ocupacionais na agricultura em 2001, e, somente nas regiões avícolas o adoecimento por esse motivo corresponde a 36% ou 1/3 do conjunto das doenças ocupacionais (PRESSANTI, 2007). A

<sup>11</sup> Cf. COMPA, 2004.

<sup>12</sup> A maioria deles era imigrantes do México, El Salvador, Guatemala e Honduras.

<sup>13</sup> Os brasileiros também perfazem tais jornadas e até maiores. Para ficar com o exemplo da Sadia de Toledo (PR): "(...) a ré vem submetendo seus empregados, de forma habitual, a jornadas superiores a 10 horas, com duração de carga diária de trabalho de até 19 horas e 22 minutos" (ACP nº01428-2010-068-09-00-5, p.48).

autora apresenta também dados de doenças específicas do setor avícola e o resultado é que 83% se relacionam às doenças osteomusculares seguido das doenças respiratórias com 6%.

Cohidon et al. (2009) estudando a região da Bretanha na França<sup>14</sup>, também apontam a vulnerabilidade aos fatores físicos e psicológicos que recai sobre os trabalhadores, e assinalam que são necessárias ações preventivas no setor como a redução da pressão pelo tempo de trabalho. Dessa forma, os pesquisadores estão apontando para condições de trabalho com impactos na saúde dos trabalhadores nos frigoríficos franceses.

Na Itália em frigorífico avícola do Grupo Amadori que emprega mil pessoas na cidade de Mosciano Sant'Angelo pertencente a província de Teramo, cerca de 70% dos trabalhadores executam tarefas repetitivas de risco médio e alto (VISCIOTTI et. al. 2005). Para chegar a esses resultados, os autores utilizaram o método OCRA (Occupational Repetitive Action) que serve para análise e avaliação de risco em atividades repetitivas que foi proposto por pesquisadores da Universidade de Milão (Antonio Grieco, Enrico Occhipinti e Daniela Columbini), e é referência para análise ergonômica de membros superiores devido a movimentos e esforços repetitivos na União Européia. Quando os movimentos repetitivos são avaliados como risco médio e alto significa que há possibilidade de ocorrer doenças relacionadas à repetitividade.

Esses estudos assinalam que os esforços repetitivos constantes, ritmos de trabalho intensos, pressão por produção (condições de trabalho), podem resultar no adoecimento, também em frigoríficos de países tidos como desenvolvidos. Portanto, o trabalhador de frigoríficos americanos, franceses e italianos também está subordinado às condições degradantes de trabalho que podem impactar na sua saúde, o que não nos surpreende, pois a lógica vigente nesses países é a do capital, e por isso existe a constatação de tais condições.

No Brasil a realidade também não é díspar. Os dados de acidentes de trabalho que compreendem o setor frigorífico, embora subnotificados corroboram para a existência de um trabalho degradante. Isso porque se compararmos a quantidade de empregos em 2010 no setor para o Brasil (236.371<sup>15</sup>), com o número de acidentes de trabalho ocorridos no curto período de 2006-2010, notificados pelo Ministério da Previdência Social (MPS), indica que 23,5% desse conjunto de trabalhadores já teriam sofrido alguma enfermidade no trabalho.

Ou ainda, se acompanharmos casos investigados pelo MPT para o setor frigorífico através das suas fiscalizações, Ações Cíveis Públicas (ACP) e publicações oficiais, as constatações apresentadas corroborarão para a existência do trabalho degradante.

Um desses casos é a Ação Civil Pública (ACP) nº3497-2008-038-12-00-0, movida pelo MPT de Santa Catarina, contra a Brasil Foods (BRF) de Chapecó (SC). Segundo essa investigação, em cinco anos (2004-2009) cerca de 20% dos seis mil trabalhadores receberam benefícios previdenciários em razão das doenças osteomusculares (1.213 trabalhadores)<sup>16</sup>. Na mesma empresa em sua unidade localizada em Capinzal (SC), também, cerca de 20% dos 4.500 trabalhadores têm algum tipo de doença ocupacional<sup>17</sup>.

Outra investigação do MPT no estado de Goiás através da ACP nº 2545-25.2011.5.18.0101 movida contra a BRF de Rio Verde (GO) atesta que os afastamentos por distúrbios osteomusculares (campeões nos afastamentos) no período de janeiro a setembro de 2011 tiveram uma média de 28 atestados por dia e 842 ao mês. No período foram totalizados 25.736 afastamentos do trabalho, média de 95 por dia e 2855 ao mês<sup>18</sup>.

Tais constatações do MPT em que repetidas vezes se expõe que os trabalhadores estão se afastando tendo em vista as doenças osteomusculares, nos aponta para um cenário em que é preciso relacionar as condições de trabalho com as doenças. Se não é possível afirmar categoricamente, as evidências colhidas em pesquisas não nos deixam muitas dúvidas de que às condições de trabalho podem ter impactos na saúde.

<sup>14</sup> Região que corresponde a cerca de 30% dos empregos no setor frigorífico do país (COHIDON et al. 2009).

<sup>15</sup> Dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE).

<sup>16</sup> Fonte e mais informações em: ASCOM MPT/SC, 2010, online.

<sup>17</sup> Fonte e mais informações em: ASCOM MPT/SC, 2012, online. O conteúdo da decisão judicial está disponível em: TRIBUNAL REGIONAL DO TRABALHO 12ª REGIÃO, 2010, online.

<sup>18</sup> Fonte: ASCOM MPT/SC, 2012, online.



Sob esse aspecto, a ACP movida contra a BRF de Videira (SC)<sup>19</sup> incorpora dados sobre o que sentem os trabalhadores com relação ao trabalho desempenhado no território fabril frigorífico. Através do relatório denominado “Análise das Condições de Trabalho em Áreas de Aves e Suínos, do Frigorífico de Videira da Empresa Perdigão Agroindustrial S/A, do Estado de Santa Catarina”, constatou-se que no universo de 1.546 entrevistados: 1) 68,1% manifestaram sentir dores causadas pelo trabalho na área de aves, e 65,3% na área de suínos; 2) 70,89% das posturas analisadas precisam de intervenção ergonômica no setor de aves e 95,5% no setor de suínos; 3) 24% dos trabalhadores manifestam dormir mal no setor de aves e 33,18% no setor de suínos; 4) 49,64% dos trabalhadores dizem se sentir nervosos no setor de aves e 50,43% no setor de suínos; 5) 12,26% manifestaram que já pensou em acabar com a própria vida no setor de aves e 13,46% no setor de suínos (Ação Civil Pública nº137-2009, p.29-30).

Na mesma perspectiva, o Projeto Integrado de Saúde do Trabalhador Avícola (PISTA)<sup>20</sup>, realizado em 2006 por meio da Federação dos Trabalhadores das Indústrias da Alimentação do Rio Grande do Sul (FTIA-RS), procurou entender o que sentem os trabalhadores com relação as condições de trabalho em frigoríficos avícolas. Foram realizados 1.200 questionários em 12 empresas do setor<sup>21</sup>. Os resultados alcançados apontou que cerca de 80% dos entrevistados fazem uso de analgésicos, anti-inflamatórios e antibióticos e pelo menos 20% utiliza remédios de tarja preta.

Se focarmos na repetitividade exigida para desempenhar tarefas em frigoríficos chega-se aos limites biomecânicos do corpo humano. A ACP movida contra a BRF de Videira é novamente fonte importante. Segundo ela, no setor de evisceração de frangos, a) são 60 ações por minuto na atividade de retirada e separação de vísceras (coração e fígado); b) entre 70 e 90 ações por minuto na retirada de vísceras de dentro da carcaça; c) entre 90 e 120 ações por minuto na pendura de frangos; d) são 80 ações por minuto com o braço direito e 70 com o esquerdo para embalar/selar frangos inteiros. No setor de suínos, a) a atividade de retirar carne de cabeça são efetuadas 60 ações por minuto com o braço direito, b) desossar a paleta são 80 ações por minuto com o braço direito e 50 ações com o esquerdo. No setor de industrializados, a) a atividade de grampear saco de salsicha com a máquina são efetuados 95 movimentos por minuto com a mão direita e 70 com a esquerda, b) ensacar salsicha com máquina são 42 ações por minuto (Ação Civil Pública nº137-2009, p.18-19).

Essa repetitividade constatada ultrapassa os limites considerados seguros para manter um padrão de saúde e segurança do trabalho, ou seja, atinge o limite do corpo humano já que estudos preveem que entre 25 a 33 movimentos repetitivos por minuto não devem ser excedidos quando se deseja evitar transtorno aos tendões (KILBOM apud SARDÁ; RUIZ; KIRTSCBIG, 2009).

Chegamos então aos limites do corpo humano com atividades até três vezes mais repetitivas do que os padrões limítrofes estipulados em pesquisas. A situação acima narrada em consonância com a ausência de pausas para recuperação de fadiga pode resultar no adoecimento<sup>22</sup>, pois o líquido sinovial, responsável pela lubrificação dos tendões, deixa de ser

<sup>19</sup> ACP nº137-2009.

<sup>20</sup> Do projeto surgiu o livro “Doenças do Trabalhador: a irresponsabilidade social do capital” organizado por Paulo Peixoto de Albuquerque e publicado pela editora Nova Harmonia no ano de 2007.

<sup>21</sup> Cidades e Empresa: Lajeado (Avipal e Minuano), Marau (Perdigão), Montenegro (Doux-Frangosul), Caxias (Doux-Frangosul, Penasul, Nicolini e Frinal), Passo Fundo (Doux-Frangosul), Pelotas (Cosulati), Estrela (Languiru), Encantado (Cosuel), Roca Sales (Penasul), Erechim (Aurora), Porto Alegre (Avipal), São Sebastião do Caí (Agrosul).

<sup>22</sup> “A alta frequência de movimentação dos braços dos trabalhadores (o sistema biomecânico do corpo, a movimentação só se realiza porque existe um sistema de alavancas, composto principalmente de articulações, ossos, músculos, tendões). Com a solicitação de movimentação pelo ritmo imposto em altas frequências de movimentações nas tarefas fragmentadas, impõe aos trabalhadores uma exigência adicional nos tendões dos músculos: como num sistema mecânico usual qualquer: necessita reposição de sua lubrificação. Os tendões são os componentes de nosso sistema biomecânico mais afetados por essa condição e assim necessitam de breve tempo de repouso, para naturalmente recomporem seus níveis de líquido sinovial em suas bainhas. Esse tempo, em descanso, requerido para recuperação, denomina-se pausas de recuperação e elas devem ser realizadas, sem solicitação muscular alguma. Se continuarem naquele ritmo de trabalho constante, trabalharão fora da sua condição, com pouco líquido, quase secos e o trabalhador sentirá dor em seus membros superiores (queixa persistente, crônica, da maioria deles).

produzido em atividades repetitivas a partir de 50 – 60 minutos e atualmente os frigoríficos não têm estipulado pausas de recuperação de fadiga a cada 50 minutos<sup>23</sup>.

Certamente, somando a quantidade de movimentos exigidos com a pressão por produção, ambiente frio, insuficiência de pausas, as consequências poderão ser desastrosas para a saúde dos trabalhadores de frigoríficos.

No caso específico da nossa pesquisa de Mestrado através da ACP nº01428-2010-068-09-00-5 movida contra a Sadia de Toledo (PR), também há constatações do elevado número de ações técnicas por minuto realizado pelos trabalhadores (Tabela 1).

Tabela 1 – Movimentos repetitivos realizados pelos trabalhadores em três funções da Sadia em Toledo (2009)

ATIVIDADE	NÚMERO DE MOVIMENTOS/MINUTO		NÚMERO DE MOVIMENTOS/HORA	NÚMERO DE MOVIMENTOS/JORNADA
Refile de peito	Mão direita:	75	4.800 ações/hora em cada mão	36.000/38.400 ações por dia em cada mão
	Mão esquerda:	80		
Desossa de coxa e sobrecoxa (perna)	Mão direita:	46	2.700 ações/hora em cada mão	22.000 ações por dia em cada mão
	Mão esquerda:	46		
Evisceração (retirada de coração)	Mão direita:	140	8.400 ações/hora em cada mão	67.000 ações/dia em cada mão
	Mão esquerda:	140		

Fonte: ACP nº01428-2010-068-09-00-5. Organização do autor.

Nessa investigação o MPT foi taxativo na sua argumentação sobre os relevantes números de movimentos repetitivos, pois eles geram “carga biomecânica e mental, *incompatíveis com a saúde e dignidade humana*” (Ação Civil Pública nº01428-2010-068-09-00-5, p.11, *grifo nosso*).

Na Sadia, a investigação do MPT encontrou insuficiência de pausas durante a jornada de trabalho mesmo nessas atividades com alta sobrecarga muscular. Mesmo que se saiba o prejuízo para a saúde dos trabalhadores em decorrência da não observância dessa questão.

Portanto, o objetivo do lucro a qualquer custo (a lógica do metabolismo social do capital), faz com que os trabalhadores desenvolvam atividades extremamente repetitivas, inclusive excedendo até três vezes os movimentos considerados seguros por pesquisas, com ausência de pausas para a recuperação de fadiga, ou seja, não respeitando os fatores biomecânicos do corpo humano, podendo trazer consequências desastrosas para a saúde do sujeito que trabalha como as LER/DORT.

Somado a todos esses fatores relacionados às condições de trabalho em frigoríficos, percebe-se que burlar a legislação trabalhista também tem sido uma estratégia do capital. Com relação à ACP movida contra a Sadia de Toledo (PR), o MPT encontrou também na investigação o

---

Continuando com a mesma exposição, eles inflamarão.” (ACP, nº01428-2010-068-09-00-5, p.19-20) Essa sobrecarga de movimentos repetitivos pode ser o caminho para as LER/DORT.

<sup>23</sup> A questão das pausas é algo que deve mudar a partir da Normativa Regulamentadora número 36 (específica para frigoríficos), segundo a qual serão necessárias pausas de no mínimo 60 minutos distribuídas ao longo da jornada para aquelas que duram até 8 horas e 48 minutos. Isso sem contar que a ginástica laboral não poderá ser considerada pausa já que não representa inatividade e gera sobrecarga muscular de membros superiores. É importante ressaltar que já na NR 17 existe a questão das pausas em atividades que exijam sobrecarga muscular e estática ou dinâmica do pescoço, ombros, dorso e membros superiores e inferiores, e mesmo assim as empresas não tem cumprido essa normativa (ver item 17.6.3).

descumprimento da legislação trabalhista representado de inúmeras formas como: a não concessão de repouso semanal remunerado, horas extras não pagas na sua integralidade, intervalos intrajornadas e interjornadas irregulares, inadequação do mobiliário, pressão por produção, ambiente artificialmente frio, etc. Temos certeza que os descumprimentos somados às condições de trabalho degradantes não resultarão na promoção da saúde dos trabalhadores. E, os afastamentos contabilizados pela própria empresa<sup>24</sup> no período de apenas três anos parecem corroborar para tal afirmação (Tabela 2).

Tabela 2 – Trabalhadores da Sadia de Toledo (PR) acometidos por Doenças Osteomusculares (CID-M) e Transtornos mentais (CID-F) 2006-2008

<b>ANO</b>	<b>BENEFÍCIOS PREVIDENCIÁRIOS CONCEDIDOS (GRUPOS M E F)</b>
2006	235
2007	208
2008	217
TOTAL	660

Fonte: ACP nº nº01428-2010-068-09-00-5. Organização do autor.

Esse período curtíssimo de tempo resultou em alto número de benefícios previdenciários concedidos, pois pelo menos um trabalhador por dia, nestes três anos, recebeu algum benefício por doença osteomuscular ou transtornos mentais.

Observa-se também que a média de trabalhadores afastados por transtornos osteomusculares (CID grupo M) e mentais (CID grupo F) é de 220 ao ano. Numa analogia estatística se pensarmos nessa média com o total de empregados hoje na empresa (cerca de 7400), no período de 10 anos 2200 pessoas podem ter benefícios concedidos por doenças osteomusculares e transtornos mentais se as tendências se confirmarem. Isso equivaleria a cerca de 30% dos funcionários (hoje) da Sadia.

A nosso ver, todo esse panorama apresentado marca a constatação de um modelo de sociedade na qual o trabalho é transformado em emprego, descartável e degradado, cujo objetivo é o lucro a qualquer custo e não há preocupação com a saúde dos trabalhadores.

Por isso, nos territórios fabris dos frigoríficos brasileiros aos territórios fabris dos frigoríficos americanos, franceses e italianos, salvo as especificidades, teremos uma marca territorial em comum: a degradação do trabalho que pode levar homens e mulheres ao encontro de doenças, por vezes irreversíveis. Portanto, se confirma a hipótese de que o adoecimento desses trabalhadores, não é fruto do acaso ou de infortúnios, mas antes, da imposição de um metabolismo social em que o trabalho é reduzido à mera mercadoria vendável (MARX, 2004), a segunda ordem de mediações que nada tem de natural.

E por esse motivo concordamos com Albuquerque (2007, p.56), quando diz: “entendemos saúde e a doença não de forma isolada, mas como um processo articulado ao modo de produção e ao tipo de desenvolvimento proposto por uma sociedade num dado contexto histórico”.

Com base nessa assertiva, reiteramos que as doenças e acidentes de trabalho nos frigoríficos são consequências do metabolismo social do capital. Por isso, tem razão Sardá (2009) quando afirma que estamos a consumir produtos fruto de sofrimento humano. Sofrimento que poderá ser exposto através das narrativas dos trabalhadores a seguir.

<sup>24</sup> Como os dados foram disponibilizados pela própria empresa e pela experiência da subnotificação ser presente com relação aos acidentes e doenças relacionados com o trabalho é sempre importante estar alerta para a possibilidade dos dados serem subnotificados.

## **AS HERANÇAS NEFASTAS DO TRABALHO EM TERRITÓRIO FABRIL: INCAPACIDADES, DOENÇAS INCURÁVEIS E SOFRIMENTO...**

As narrativas dos trabalhadores que entrevistamos são fundamentais para assinalar a degradação do trabalho e dar voz a estes sujeitos que vivem/vivenciaram o emprego na Sadia em Toledo (PR), desde as suas experiências e perspectivas.

Ao todo, entrevistamos 22 trabalhadores da linha de produção da Sadia de Toledo (PR), nas suas próprias casas<sup>25</sup>. Estes realizaram as mais diversas atividades dentro do frigorífico de aves, suínos e na fábrica de industrializados. As gravações<sup>26</sup> foram feitas, após a entrega de documento assinado pelo pesquisador se comprometendo a não divulgar os nomes dos entrevistados, bem como com a autorização por parte dos trabalhadores para a realização e gravação das entrevistas. Os nomes dos trabalhadores utilizados no artigo são fictícios e criados pelo pesquisador, já que asseguramos aos mesmos que não utilizaríamos seus nomes verdadeiros.

A metodologia privilegiada foi à história oral no sentido em que define Thompson (1992), quando o objetivo da entrevista não é a busca de informações e evidências que valem por si mesmas, mas sim fazer um registro subjetivo de como os homens e mulheres enxergam a própria vida, o modo como fala, o que dá destaque, as palavras que escolhe, sendo a narrativa menos moldada pelo entrevistador.

Isso significou para nós uma busca que não se deu em torno de fazer caracterizações socioeconômicas de abordagens quantitativas com as entrevistas, mas sim de procurar entender como os próprios trabalhadores narram às condições de trabalho e relacionam isso com a sua saúde.

Essa metodologia possibilitou compreender “outra história” sobre o território fabril dos frigoríficos (na perspectiva dos trabalhadores), pois por traz das altas cifras de geração de empregos e lucratividade (“desenvolvimento e progresso” para alguns), há o adocimento de muitos sujeitos, por vezes com sequelas incuráveis e lesões irreversíveis. Daí a noção de classe do conceito de territórios da degradação do trabalho, pois, foi a partir das próprias narrativas dos trabalhadores que esse conceito pôde ser formulado, já que eles narravam a Sadia como “açougue de gente” ou ainda que antes de se empregarem em tal indústria nada sentiam e após esse emprego as dores se tornaram cada vez mais constantes. Certamente, esse conceito também só pôde ser apresentado a partir dos dados estatísticos que somados às narrativas são importantes fontes que nos possibilitaram a criação do mesmo.

Paula que trabalhou na evisceração de frangos na Sadia narra que o ritmo de trabalho intenso e repetitivo é o motivo de não aguentar “pegar” os corações da nórea<sup>27</sup>.

(...) teve semanas que a gente perdeu coração assim a semana inteira *porque a gente não aguentava pegar tantos ganchos que passava* aí o que aconteceu aí o supervisor chama lá pra perguntar o que está acontecendo, porque que está acontecendo isso, porque está perdendo tantos miúdos, que o coração é um produto caro que é exportado não pode perder (...) (Entrevistada, Paula, *grifo nosso*).

A trabalhadora, que hoje está afastada do trabalho através da sua narrativa procura mostrar como o ritmo de trabalho no território fabril é intenso, repetitivo e com muita pressão por produção. O fato de não aguentar pegar corações de frango pela velocidade da nórea expressa também a limitação do corpo pela fadiga o que se reflete em não conseguir exercer a função. Os movimentos repetitivos realizados por Paula e inúmeros outros trabalhadores do setor no Brasil, podem ser dimensionados a partir do que discutimos no tópico anterior, acima dos padrões considerados seguros para a manutenção da saúde dos trabalhadores.

Essas informações apontam que Paula não está “inventando história” ou “exagerando”. Ora, o

<sup>25</sup> Lugar que julgamos mais apropriado para as entrevistas, pois pensamos que a casa é o local onde os trabalhadores se sentiram mais à vontade. Cf. THOMPSON, 1992.

<sup>26</sup> O período do trabalho de campo foi de mais ou menos nove meses entre julho de 2011 até março de 2012, pois era preciso fazer o contato com os trabalhadores e marcar as entrevistas em dias que estivessem livres para conversar. Isso também valeu para os sindicalistas, procuradores do trabalho e representantes da Associação dos Portadores de Lesões Por Esforços Repetitivos (AP-LER).

<sup>27</sup> Espécie de gancho que carrega os frangos na linha de produção.

problema de adoecer no trabalho em frigoríficos vai muito além das informações já expressivas que apresentamos anteriormente. Na situação de Paula existem muitos outros que ouvi na pesquisa, sejam eles homens ou mulheres que laboraram no território fabril da Sadia. As dores (que dificultam o sono, etc.), queimações nos braços, cansaço, formigamentos são sintomas de LER/DORT (MAENO, 2001), e representam algumas das heranças do trabalho em território fabril.

Nas palavras de mais alguns trabalhadores: “menino eu tava ao extremo mesmo, eu tava que eu não aguentava mais, sabe o que é você sentir dores 24 horas por dia?” é o que nos conta Lúcia. Carlos também tem sintomas parecidos, pois sentia dores e notava que “queimava nos lados assim né, no braço” após a sua jornada diária. Joana argumenta “as mãos da gente formiga eu chegava em casa sentindo as mãos formigar, formigar, parecia que tinha um monte de bichinho andando na minha mão (...)”. Fabrício “(...) sentia um pouco de dor, mas não ia atrás né, fui deixando, fui deixando até chegar onde chegou né, quando eu fui pro médico fui pra fazer cirurgia já (...)”. Cláudia, “(...) eu tenho tendinite nos nervos, tem que operar e eu não aguento de tanta dor, dias e noites sem dormir (...)”. Fernanda diz que antes da Sadia “eu nunca reclamei de dor em perna, dor no corpo nada (...)”. José: “hoje eu vivo praticamente 24 horas com dor (...)”. Elis, se referindo aos braços “dói, amortece, começa a formigar é feio (...)”. Roberta: “daí foi começando a doer minha coluna, começou a doer, doer, doer até que daí apresentou uma lordose, da lordose daí foi pra uma hiperlordose daí já começou a doer mais (...)”. Teresa, “dor, dor nos braços e nos ombros né, sentia nos ombros, a minha parte é nos ombros e nas mãos aí por último começou a dar problema nas mãos (...)”. Flávia, diz que o trabalho puxado e repetitivo resultou nas inúmeras lesões, “tanto é que eu peguei todas essas lesões que eu to hoje é nos ombros (...)” e no seu caso a invalidez foi o destino, pois ela recebe pensão vitalícia conquistada na justiça por seus problemas serem crônicos e sem cura.

E o adoecimento após a experiência de trabalhar na Sadia não se resume aos impactos físicos, mas também se relaciona com os transtornos mentais. E, na visão do MPT, existe o nexo causal presumido entre as atividades desenvolvidas pelos trabalhadores em território fabril com o adoecimento mental como consta na ACP<sup>28</sup>.

O depoimento de Aparecida, que além de tendinite e bursite, adquiridas no trabalho, teve síndrome do pânico, é revelador dos transtornos mentais que a trabalhadora na sua perspectiva relaciona ao trabalho desempenhado, quando trata do chefe que “enchia o saco” e na negação dos adoecimentos por parte dos médicos. Como ela mesma relata:

(...) que nem uma época quando eu tava boa até falei pra ele (*filho*) assim na época de férias era trinta das trinta eu pegava vinte só pra não pegar trinta que eu gostava né daquilo que fazia, *só que depois eu comecei a sentir dor, humilhação também né* (...) que *meu chefe começou a encher o saco aí atacou o pânico também*, através disso atacou o pânico, eu comecei, eu ia lá falava que, tinha médico que falou pra mim, o perito falou pra mim que eu não tinha nada, mesmo com o exame, aí eu comecei né, imagina, aí já começa a cabeça, começa você tá com dor tá vendo que não pode trabalhar ali. Aí chega uma hora que você (...) (Entrevistada, Aparecida, *grifo nosso*).

Do que fala Aparecida, apreendemos uma dimensão mais ampliada do problema: a condição de sentir dor não foi suficiente para convencer médicos e peritos do Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS). Essa é uma prática recorrente que causa sofrimento aos trabalhadores, pois além de adoecerem no trabalho ainda lidam com as dúvidas dos médicos da empresa, chefes de setor (supervisores, operadores) e peritos do INSS.

Tal situação causa certa estranheza com relação às dúvidas entre a relação do adoecimento com o trabalho, já que os dados para a mesma empresa, disponibilizados pelo MPT, mostram que entre 2003 e 2007, **a Sadia pagou cerca de R\$ 40 milhões em impostos para o INSS, e no mesmo período o INSS pagou em benefícios aos trabalhadores da empresa quase R\$140 milhões** (NOTÍCIAS INFORMATIVO DO MPT-RS, 2009, p.5, **grifo nosso**).

Este déficit significativo aos cofres públicos não são representativos de que o adoecimento no setor é um grande problema de saúde pública? Ora, não se gera um prejuízo de R\$100 milhões à Previdência Social pressupondo que os trabalhadores estão mentindo sobre suas

<sup>28</sup> “O nexo causal entre as condições de trabalho e os transtornos mentais que acometem os trabalhadores é presumido, inclusive em relação aos casos de depressão (CID F32), às atividades econômicas da ré (CNAE 1012)” (ACP nº01428-2010-068-09-00-5, p.109).

doenças ou das condições de trabalho impostas a estes. Ou será então que é “mentira” de 23% da mão de obra nacional que está afastada ou no aguardo de decisões judiciais?

Obviamente, pensamos que o adoecimento é a marca de um trabalho que exige movimentos extremamente repetitivos, pressão para o cumprimento de metas de produção gerando um ritmo de trabalho alucinante. Isso faz com que Paula (e outros milhares nesse país), não consiga “pegar corações na nórea” tendo de se afastar do trabalho, ou ainda, em casos muito graves, tenham que se aposentar por invalidez. Temos constatado na pesquisa que o ritmo de trabalho extremamente acelerado, está presente em todos os setores da Sadia de Toledo, como também já verificou Finkler (2007).

João, que trabalha ainda hoje na Sadia e nos concedeu entrevista no dia 10 de fevereiro de 2012, explana sobre a velocidade desumana que tem de dar conta diariamente no frigorífico de aves da empresa:

Lá no cone<sup>29</sup> não muda muito né, cada um tem a sua tarefa pra fazer né, que nem a minha tarefa é meia hora *eu penduro frango nos cones 38 por minuto (...) que daí eu retiro asa e refilo peito e esses daí também é 38 por minuto, é a mesma meta* (Entrevistado, João, *grifo nosso*).

Ou seja, até o dia da entrevista realizada é possível afirmar que o ritmo de trabalho ainda é realizado acima dos padrões considerados seguros para manutenção da saúde e segurança no trabalho.

E, seguramente o resultado dessas condições de trabalho poderão significar as incapacidades para o trabalho, as constantes dores e as doenças incuráveis que impactam na vida desses trabalhadores.

Quando falamos em impactos na vida dos trabalhadores estamos dizendo que tarefas habituais como varrer uma casa, segurar um filho no colo, segurar um copo ou uma bolsa, lavar roupa, hoje já não são mais possíveis de ser realizadas. Há casos em que os trabalhadores dizem conviver com dores constantes todos os dias. Como seguem em algumas narrativas obtidas na pesquisa:

(...) os tendões, meus tendões tem aqui um pino assegurando eles, aí era muito peso que eles davam daí ele não aguenta, *se eu pegar uma sacola de dois quilos eu não aguento, de noite eu não durmo de tanta dor* (...) (Entrevistada, Cláudia, *grifo nosso*).

(...) aí foi isso, me deu uma dor nos osso que eu não aguento, mas dói tanto sabe meu osso que *eu não aguentava nem ficar sentada, nem em pé de tanta dor que eu tinha, eu chorava de dor* (...) (Entrevistada, Cláudia, *grifo nosso*).

(...) *eu não sei o que é viver* tem dia eu não sei cara eu gritava de dor eu ficava assim ó de meio da semana assim domingo segunda andando na sala gritando de dor, chorando de dor, de tanta dor, tanto medicamento que eu tomava e não cortava minha dor (...) (Entrevistado, José, *grifo nosso*).

(...) é complicado cara porque meu Deus eu estou numa vida eles sabem aí ó dor, dor, dor, dor, cara que “vish” eu passei dias aí ó andando aí cara gritando de dor assim que eu falava, que *eu pedia a morte de tanta dor que eu tinha* eu chegava na Sadia e os médicos mesmo o doutor (X)<sup>30</sup> eles dizem que no meu caso não tem o que fazer (...) (Entrevistado, José, *grifo nosso*).

(...) tinha dia que eu chegava em casa quebrada não conseguia fazer nada, dormir mesmo eu *tinha que dormir a base de remédio* tanto que quando eu encostei no primeiro ano que eu fiquei afastada eu tomei remédio controlado durante um ano pra eu poder dormir *eu não conseguia dormir por causa das dores* (Entrevistada, Paula, *grifo nosso*).

Isso aponta que os impactos da doença atingem a esfera da vida dentro e fora do

<sup>29</sup> Na esteira existem espécies de cones onde você pendura o frango. Esse é o setor de cones no frigorífico de aves.

<sup>30</sup> Preferimos não divulgar o nome dos médicos também.

trabalho<sup>31</sup>, numa dimensão em que a degradação do trabalho impacta no cotidiano destes trabalhadores. Portanto as heranças do trabalho em frigoríficos acompanharão muitos desses homens e mulheres até o final das suas vidas, pois, em alguns casos, trata-se de doenças crônicas incuráveis.

Mas, os problemas não param por aí. Na condição de invalidez para o trabalho resta aos trabalhadores os medicamentos que aliviam as suas dores. Contudo, estes dão apenas sensações de alívio parciais. Os remédios que estes têm de tomar frequentemente como anti-inflamatórios e casos até de morfina para tentar aliviar as dores estão em parte materializados na (Figura 2<sup>32</sup>).

Figura 2 – Remédios consumidos por um trabalhador



Fonte: Pesquisa de Campo, capturada no período de Janeiro à Março de 2012.

O consumo frequente destes medicamentos induz a outros problemas. Com o passar do tempo às doses de remédio vão aumentando para amenizar as dores. Isso leva a problemas de estômago, como por exemplo, a gastrite. Angela manifesta isso na sua fala:

(...) e hoje em dia você toma remédio pra uma coisa o médico dá o remédio te atrapalha outra você não sabe o que você faz (...) se eu tomar esse remédio eu fico, ele é muito forte, *eu to com problema no estômago de tanto comprimido que eu já tomei, meu estômago tá cheio de ferida dentro* (...) eu tenho que fazer o tratamento junto com o gastro só que pra mim ir atrás de gastro, atrás de ortopedista e atrás de remédio e Sadia, tá sendo complicado pra mim é muito e quem banca? (Entrevistada, Angela, *grifo nosso*).

Temos então um processo no qual se empregar em frigoríficos significa condições de trabalho altamente repetitivas, com seu limite na biomecânica dos corpos dos trabalhadores, que se afastam, ou tomam remédios para continuar aguentando o trabalho. Sentem dores e muitas vezes não tem isso reconhecido pelo Estado (INSS), o que instaura uma luta para ter reconhecidas suas doenças com o trabalho desempenhado (sofrimento que extrapola os limites da fábrica). No seu cotidiano, inúmeras atividades rotineiras estão impossibilitadas e com o passar do tempo os remédios se intensificam podendo causar problemas de estômago que levam ao consumo de mais medicamentos. Em casos mais graves os trabalhadores vão direto para cirurgia e já tem demarcado no seu corpo as heranças nefastas do trabalho nestes territórios da degradação do trabalho.

<sup>31</sup> Usamos essa terminologia para expressar que as doenças e os acidentes incapacitam os trabalhadores dentro da fábrica devido às condições degradantes de trabalho e impactam na sua vida dentro e fora do trabalho no seu cotidiano, nas tarefas habituais, etc.

<sup>32</sup> Capturada com autorização do trabalhador.

Assim, a partir das narrativas dos trabalhadores, percebe-se a imposição de um ritmo de trabalho desumano que adocece muitos destes. Mas, ainda quando eles não têm o nexo garantido pelo INSS entre as doenças e o trabalho, mesmo assim continuarão a sentir dores e afirmam que isso ocorreu por causa do trabalho desempenhado.

As estatísticas apresentadas na primeira parte do artigo apontam que o emprego em frigoríficos expõe seus trabalhadores a ritmos incompatíveis com o funcionamento biomecânico dos tendões, ou seja, atinge os limites do corpo humano. Isso ajuda os trabalhadores nas suas narrativas, pois mesmo quando não tem reconhecido o nexo entre o trabalho e o agravo, tal informação, se não resolve a questão, ao menos problematiza muitas ações que não reconhecem os direitos dos trabalhadores.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Pelo exposto no texto, esperamos ter cumprido o papel de expressar o conceito de territórios da degradação do trabalho, pois a partir disso podemos problematizar os dados expressivos de geração de emprego do setor, principalmente através da imposição de condições de trabalho degradantes que trazem consequências danosas para a saúde dos trabalhadores.

Esperamos também ter contribuído para as abordagens do campo saúde do trabalhador e para a geografia do trabalho que tem voltado suas atenções à relação trabalho-saúde numa interface com a geografia da saúde.

Outro ponto importante a ser considerado é a retirada da invisibilidade social as doenças relacionadas ao trabalho em frigoríficos. Com a abordagem proposta por esse artigo, almejamos ter contribuído para que novas investigações possam também ser realizadas nesse setor e quiçá possa nosso texto ser referencial para a construção de mudanças significativas nas condições de trabalho em frigoríficos, bem como, para a ação das organizações coletivas dos trabalhadores. Se esses objetivos puderem ser alcançados a contribuição assume um papel fundamental no âmbito do que entendemos por “fazer pesquisa”.

Mas, há um tema importantíssimo a ser tocado e ainda pensado no horizonte de nossas preocupações: a irreformabilidade do capital (MÉSZÁROS, 2007). Isso significa estar constantemente buscando a compreensão de como o trabalho, categoria fundante do ser social base fundamental do auto-desenvolvimento da vida material e espiritual, tem se transformado na contemporaneidade em agravos à saúde de homens e mulheres em múltiplas inserções laborais. Por essa via é possível construir uma argumentação que contribua para a preocupação de que o capital é irreformável, pois as condições de trabalho impostas seguem a lógica da acumulação de capital e não o ritmo dos seres humanos.

É por isso que vemos condições de trabalho em frigoríficos que impõe aos trabalhadores até três vezes mais o número de movimentos repetitivos considerados seguros para manter um padrão de saúde e segurança do trabalho. Fato esse que nada tem de acidental (é antes uma imposição do metabolismo social do capital), e como o capital busca sempre a via mais fácil para garantir a sua acumulação, não importa se isso atinge no limite os corpos dos trabalhadores em diversas inserções laborais, dentre elas os frigoríficos.

A tirania do contexto social em que vivemos, precisa ser desvendada para compreender então que as determinações sociais da doença se relacionam a inúmeros fatores, dentre eles à racionalidade mercadológica (irreformável). Isso para formularmos uma crítica qualificada, radical (pela raiz no sentido que deu Marx), e contundente, que possa apontar alternativas. É por esse motivo que compreendemos ser fundamental pensar a saúde dos trabalhadores numa perspectiva contra hegemônica, anticapital, na busca por alternativas emancipatórias.

Portanto, entende-se ser o capitalismo um modelo societal irreformável e incontável (MÉSZÁROS, 2007), e, enquanto perdurarem os pilares que sustentam essa sociedade os trabalhadores continuarão adoecendo no trabalho, uma vez que o limite humano não será respeitado, pois a lógica continuará sendo baseada em produzir para auferir lucratividade. Ou em outras palavras, a produção continuará não sendo determinada pela necessidade, mas por aquilo que proporciona mais lucro (WOOD, 2003), racionalidade que não incorpora os limites humanos e busca a via mais fácil para acumulação. É contra essa lógica que também devemos lutar quando focamos na saúde dos trabalhadores!

Por fim, pensamos que um caminho proveitoso possível é apostar na irreformabilidade do



sistema metabólico do capital, na busca por construir e “(...) pensar alternativas radicais ou que coloquem outro horizonte histórico, para além do capitalismo e do metabolismo societário do capital” (THOMAZ JÚNIOR, 2011, p. 307). Do contrário, continuaremos, no dito popular: “a *chover no molhado*” e constatar as penosas realidades da degradação do trabalho impostas ao conjunto dos trabalhadores.

## REFERÊNCIAS

ABIPECS. **Exportação brasileira de carne suína**. 2011. Disponível em: <<http://www.abipecs.org.br/pt/estatisticas/mercado-externo/exportacoes.html>>. Acesso em: 01, abr., 2013.

ALBUQUERQUE, P. **Doenças do trabalhador: a irresponsabilidade social do capital**. 1 ed. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2007.

ALMEIDA, I. M. Acidentes de trabalho e a repolitização da agenda da saúde do trabalhador. In: MINAYO GOMEZ, C. MACHADO, J. M. H. PENA, P. G. L. (orgs.). **Saúde do trabalhador na sociedade contemporânea brasileira**. Rio de Janeiro: Editora da Fiocruz, 2011, p.203-226.

ALVES, G. Precarização do trabalho e saúde do trabalhador no Brasil: uma perspectiva crítica. In: INÁCIO, J. R. SALIM, C. A. (orgs.) **O vestir e o calçar: perspectivas da relação saúde e trabalho**. Belo Horizonte: Crisálida, 2010, p.351-367.

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. 2. ed., 10. reimp. rev. e ampl., São Paulo: Boitempo Editorial, 2009.

ASCOM MPT/SC. **Sadia S.A terá que conceder pausas de recuperação de fadiga e não demitir empregados doentes**. 29 set. 2010. Disponível em: <[http://www.prt12.mpt.gov.br/prt/noticias/2010\\_09/2010\\_09\\_29.php](http://www.prt12.mpt.gov.br/prt/noticias/2010_09/2010_09_29.php)>. Acesso em: 01 abr. 2013.

\_\_\_\_\_. **Justiça do Trabalho em Goiás condena Brasil Foods a indenização de R\$ 5 milhões**. 19 abr. 2012. Disponível em: <[http://www.prt12.mpt.gov.br/prt/noticias/2012\\_04/19\\_04.php](http://www.prt12.mpt.gov.br/prt/noticias/2012_04/19_04.php)>. Acesso em: 01 abr. 2013.

\_\_\_\_\_. **Brasil Foods S/A de Capinzal é multada em quase R\$ 5 milhões por descumprir decisão da Justiça do Trabalho**. 12 dez. 2012. Disponível em: <[http://www.prt12.mpt.gov.br/prt/noticias/2011\\_12/12\\_12.php](http://www.prt12.mpt.gov.br/prt/noticias/2011_12/12_12.php)>. Acesso em: 01 abr. 2013.

BOSI, A. P. Trabalhadores e relações de trabalho na cadeia avícola no Oeste do Paraná (1970-2010). In: VIII Seminário do Trabalho. **Anais...** Marília: Rede de Estudos do Trabalho, 2012, p.1-13.

CINTAS, M. D. **Trabajadores en el matadero: la seguridad y salud en la industria cárnica y avícola norteamericana, una asignatura pendiente**. 6 jun. 2011. Disponível em: <<http://www.periodistes.org/entblog/44876>>. Acesso em: 01 abr. 2013.

COMPA, L. A. **Blood, sweat, and fear: workers' right in U.S. meat and poultry plants**. New York: Human Rights Watch, 2004. Disponível em: <<http://digitalcommons.ilr.cornell.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1333&context=articles>>. Acesso em: 01 abr. 2013.

COHIDON, C. (et.al.) Psychosocial factors at work and perceived health among agricultural meat industry workers in France. **Int Arch Occup Environ Health**, v.82, n. [s.n.], p.807-818, 2009. Disponível em: <<http://link.springer.com/article/10.1007%2Fs00420-009-0430-9#page-1>>. Acesso em: 01 abr. 2013.

EMBRAPA. **Central de Informações de Aves e Suínos**. Disponível em: <<http://www.cnpsa.embrapa.br/cias/dados/mapa.php>>. Acesso em: 01, abr., 2013.

FTIAPR. **Trabalhadores de frigoríficos buscam aprovação de NR**. 29 set. 2011. Disponível em <[http://www.ftiapr.org.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=428:trabalhadores-de-frigorificos-buscam-aprovacao-de-nr&catid=46:saiu-na-imprensa](http://www.ftiapr.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=428:trabalhadores-de-frigorificos-buscam-aprovacao-de-nr&catid=46:saiu-na-imprensa)>. Acesso em: 01, abr., 2013.

FINKLER, A. L. Os problemas de saúde dos trabalhadores e a relação com o processo de trabalho em frigoríficos. 2007. 94 f. Monografia (Enfermagem). Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel.

FRANCO, T. DRUCK, G. SELIGMANN-SILVA, E. As novas relações de trabalho, o desgaste mental do trabalhador e os transtornos mentais no trabalho precarizado. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, v.35, n.122, p. 229-248, 2010.

FRIGORÍFICOS registram alto índice de trabalhadores em depressão. **Informativo PRT9**, Ano XII, n.29, jul. 2011. Disponível em: <[http://www.prt9.mpt.gov.br/Boletim/informativo\\_29.pdf](http://www.prt9.mpt.gov.br/Boletim/informativo_29.pdf)>. Acesso em: 01 abr. 2013.

GABRIEL, J. Organizing the jungle: industrial restructuring and immigrant unionization in the American meatpacking industry. **The Journal of Labor and Society**, v. 9, n [s.n.], p.337-359, 2006. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1743-4580.2006.00116.x/pdf>>. Acesso em: 01 abr. 2013.

GRAIN. **La enorme industria de la carne crece por el Sul**. 14 out. 2010. Disponível em: <<http://www.grain.org/article/entries/4092-la-enorme-industria-de-la-carne-crece-por-el-sur>>. Acesso em: 01 abr. 2013.

HAESBAERT, R. Da desterritorialização à multiterritorialidade. In: X Encontro de Geógrafos da América Latina. **Anais...** São Paulo: USP, 2005, p.6774-6792.

INFERNO frio: a vida por trás da linha de produção dos frigoríficos. **Notícias Informativo do Ministério Público do Trabalho/RS**, Porto Alegre, v. 9, n. 3, p. 4-5, out./dez. 2009.

IBGE. **Sistema IBGE de Recuperação Automática**: base de dados agregados: pesquisa trimestral do abate de animais. 2011. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/listabl.asp?c=1093&z=t&o=24>>. Acesso em: 01 abr. 2013.

JACOBS, M. M.; KRIEBEL, D.; TICKNER, J. Safe food from workplaces: protecting meat and poultry workers. In: KRIEBEL, David et al. (Org.). **Lessons Learned**: solutions for workplace safety and health. Lowell: University of Massachusetts, 2011.

LACAZ, F. A. C. **Saúde do trabalhador**: um estudo sobre as formações discursivas da academia, dos serviços e do movimento sindical. 1996. 432 f. Tese (Doutorado em Medicina) – Universidade Estadual de Campinas.

LOURENÇO, E. A. S. **Na trilha da saúde do trabalhador**: a experiência de Franca. Franca: Ed. UNESP/FHDSS, 2009.

MAENO, M. **Lesões por esforços repetitivos - LER**. São Paulo: INST, 2001. (Cadernos de saúde do trabalhador).

MARX, K. **Manuscritos econômicos filosóficos**. 1. ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

MÉSZÁROS, I. **Para Além do Capital**: rumo a uma teoria da transição. 1. ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

\_\_\_\_\_. **O desafio e o fardo do tempo histórico**. 1. ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.

\_\_\_\_\_. **Estrutura social e formas de consciência**: a determinação social do método. 1. ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2009.

MINISTÉRIO DA PREVIDÊNCIA SOCIAL. **AEAT Infologo**: base de dados históricos de acidentes de trabalho. Disponível em: <<http://www3.dataprev.gov.br/aeat/>>. Acesso em: 01 abr. 2013.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. **Relação anual de informações sociais**. Disponível em: <<http://portal.mte.gov.br/rais/estatisticas.htm>>. Acesso em: 01 abr. 2013.

MINISTÉRIO PÚBLICO DO TRABALHO. **Ação Civil Pública 01428-2010-068-09-00-5 em face da Sadia S/A de Toledo (PR)**. Procuradoria Regional do Trabalho da 9ª Região: 2010. (cópia impressa).

\_\_\_\_\_. **Ação Civil Pública IC137-2009 em face da Brasil Foods S/A de Videira (SC).** Procuradoria Regional do Trabalho da 12ª Região: 2009. (cópia impressa).

MINAYO-GOMEZ, C. THEDIM-COSTA, S. M. F. A construção do campo saúde do trabalhador: percursos e dilemas. **Cadernos de Saúde Pública**, v.14, sup.2, p.21-32, 1997. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v13s2/1361.pdf>>. Acesso em: 01 abr. 2013.

PIGNATI, W. A. MACHADO, J. M. H. Riscos e agravos à saúde e à vida dos trabalhadores das indústrias madeireiras de Mato Grosso. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.10, n.4, p.961-973, 2005.

PRESSANTI, C. Les risques professionnels en aviculture: synthese des donnes bibliographiques. 2007. 109 f. These (Docteur Veterinaire) Ecole Nationale Veterinaire Toulouse – Université Paul Sabatier, Toulouse.

QUEIROZ, G. Abate à vista: Ministério Público aperta a fiscalização contra os maiores frigoríficos brasileiros por desrespeito às leis trabalhistas. **Istoé**, São Paulo, ed. 749, 10 fev. 2012. Economia. Disponível em: <[http://www.istoedinheiro.com.br/noticias/77883\\_ABATE+A+VISTA](http://www.istoedinheiro.com.br/noticias/77883_ABATE+A+VISTA)>. Acesso em: 01, abr., 2013.

RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

SARDA, S. E.; RUIZ, R. C.; KIRTSCHIG, G. Tutela jurídica da saúde dos empregados de frigoríficos: considerações dos serviços públicos. **Acta Fisiatrícia**, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 59-65, 2009.

\_\_\_\_\_. **Meio ambiente de trabalho em frigoríficos**. Apresentação Delegacia Regional do Trabalho. Porto Alegre: DRT, 2009.

SILVA, M. A. M. A morte ronda os canaviais paulistas. **Revista da Abra**, v.33, n.2, p.1-25, ago/dez, 2006.

THOMAZ JÚNIOR, A. Intemperismo do trabalho e as disputas territoriais contemporâneas. **Revista da ANPEGE**, Campinas, v. 7, n. 1, n. esp., p. 307-329, out. 2011.

UNIÃO BRASILEIRA DE AVICULTURA. **Informe da UBABEF dados do setor**. São Paulo, ano 1, n. 9, jan. 2012. Disponível em: <<http://www.abef.com.br/ubabef/exibenoticiaubabef.php?notcodigo=3148>>. Acesso em: 01, abr., 2013.

VENCO, S. Quando o trabalho adoce: uma análise sobre o teleatendimento. **Interfacehs: Revista de Saúde, Meio Ambiente e Sustentabilidade**, São Paulo, v. 3, n. 3, p. 1-18, ago./dez. 2008.

VISCIOTTI, G. (et. al.) Rischio da patologie lavoro-correlate agli arti superiori, in uno stabilimento industriale finalizzato alla macellazione e lavorazione delle carni avicole. **Anais...** In: 4º seminário di aggiornamento dei professionisti CONTARP Il sostegno dell'INAIL alle aziende: Dall'assicurazione alla prevenzione. Il ruolo della CONTARP. Assisi: Istituto Nazionale Per L'assicurazione Contro Gli Infortuni Sul Lavoro (INAIL), p.377-383.

WOOD, E. M. O que é (anti)capitalismo? **Crítica Marxista**, Campinas, n.17, p.37-50, 2003.